**Gravação: audio\_entrevista\_6\_william**

**Duração: [00:33:00]**

|  |  |
| --- | --- |
| **Legenda** | **Descrição** |
| (comentário aqui) | Comentários do transcritor. Exemplo: (vozes sobrepostas). |
| [00:00:00] | Marcação do tempo onde se inicia uma fala. |
| (inint) [00:00:00] | Trecho não compreendido com clareza. |
| ahãm, uhum | Interjeição de afirmação, concordância. |
| hã | Interjeição de dúvida, incompreensão ou reflexão. |
| Orador A | Yasmine |
| Orador B | William |

**Início da Transcrição [00:00:03]**

Orador A: Hoje é dia 04/01/2023, é a gravação da minha quinta entrevista pra pesquisa intitulada: Educação Vigiada - As Implicações do Uso das Plataformas Digitais no Trabalho dos Professores da Educação Básica de Mato Grosso do Sul, executada pela discente Yasmine Braga Teodoro, sobre orientação do professor Jacó Carlos Lima no programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos. Você me autoriza a gravação da entrevista?

Orador B: Sim.

Orador A: Em qual município você atuou durante a pandemia?

Orador B: No município de Caarapó, Mato Grosso do Sul.

Orador A: E quantas aulas... e quantas turmas você tinha?

Orador B: No início...

Orador A: Em quantas escolas e em quantas turmas?

Orador B: Tá. No início, eu comecei com três escolas, eram três, quatro, nove, doze turmas. E eu... em três escolas.

Orador A: E aí progressivamente foi aumentando? Ou reduziu? Ou permaneceu?

Orador B: Reduziu porque eu coloquei até no formulário, né, eu tive que sair de algumas aulas porque eu não tava dando conta, assim, juntou todos os problemas com problemas familiares, tudo, e aí por conta de, é, não... ver piorada a minha saúde mental, eu optei por deixar duas escolas e ficar só com uma.

Orador A: Ok. William, como foi organizado o ensino remoto emergencial durante a pandemia da Covid-19 nas escolas em que você atuou?

Orador B: Bom, é, totalmente atropelado não, não por conta das gestões, né, é, mas foi uma coisa assim, totalmente que as escolas tiveram que... que engolir assim, atravessado, não teve nada de... nenhum tipo de planejamento, não foi pensado nenhuma, é, um recesso pras escolas pensarem, é, e aí, a aplicação foi, no começo, muito atropelada, né. A utilização demasiado do WhatsApp, confundindo a vida, é, particular e o trabalho do professor, né, mas como eu disse, não por culpa das gestões, porque foi um esforço das gestões de aplicar o que a SED tava colocando, que não, não, é, era possível parar as aulas, né, e que fosse aí colocado as aulas remotas, as atividades, as famigeradas ATC’s, né? E aí o nosso trabalho se viu, é, muito... é, até as pessoas achando, é, aquele discurso que faz parte do discurso de tentar destruir a educação, de falar que o professor é vagabundo, algo do tipo, foi o período que eu mais trabalhei, né, principalmente no começo da pandemia, foi o período que eu mais trabalhei, porque a gente não sabia o que fazer e tinha que manter o mínimo de... de atividade, no mínimo de... de ensino, de aprendizagem para os alunos e aí a gente, né, eu particularmente, assim, não dei aula, só foi atividades mesmo, né, enquanto que alguns colegas tentaram ali fazer o uso de Google Meet, Zoom, né, algumas plataformas assim pras aulas, até alguns atendimentos, é, mas foi bem atropelado, no geral foi muito atropelado.

Orador A: Como foi trabalhar durante a pandemia do Covid-19?

Orador B: É... Bom, eu coloco assim: foi, particularmente pra mim, foi desafiador, né, e assim, no fim das contas, foi algo que pode se dizer que me fortaleceu assim, é, mas por outro lado também foi algo extremamente desgastante e em todos os sentidos, assim, né, e mesmo no sentido não só psicológico, emocional, né, mas também no sentido financeiro, que aquela ilusão de “Ah, você não vai pra, pra, é, pra escola, então você não gasta”, coisas do tipo, né, isso só reduziu o gasto do governo, porque transformou a sala, né, a casa de cada professor em um pedacinho de escola e aí tudo foi, é, foi piorando pra gente nesse sentido, né. Então assim, a pandemia foi uma coisa que não foi planejado, né, só que por conta dela deveria se ser pensado melhor, pra educação, outros tipos de soluções, eu acho que a solução que foi dada não foi correta e acabou sendo prejudicial pra gente como professor, mas eu acho que também o importante na entrevista é colocar pros alunos, né, que, assim, muito mais prejudicados do que a gente, do que as gestão escolar, do que qualquer coisa, são os estudantes que nesse período, é, fingiram que aprenderam, enquanto a gente fingia que ensinava, né.

Orador A: Como que foi, William, o gerenciamento do seu tempo durante o ensino remoto emergencial?

Orador B: É... Bom, nisso houve uma diferença, né, em relação ao trabalho regular, né, agora, que a gente vai cumprir o horário na escola, nós temos as atividades, né, de oratividade e esses horários específicos mesmo que é impossível, né, o professor não levar trabalho pra casa, mas hoje no normal (vamos dizer assim), a gente trabalha grande na escola, tanto nas aulas, quanto na solução das burocracias, planejamento e etc. É... na pandemia não houve isso, assim né, você tava constantemente... eu, particularmente, não consegui dedicar um tempo pra... específico pra aula, pra me dedicar pra escola e tava tudo confundido, tudo entrelaçado. Eu tava meia-noite respondendo aluno ao mesmo tempo que, sei lá, tipo 10 da manhã, que era o horário que eu estaria na escola, eu tava resolvendo outra coisa. Embora, né, foi um período que a gente foi em isolamento, mas mesmo assim, foi uma confusão, uma perca de rotina e que, pra mim foi bem prejudicial também.

Orador A: Você perdeu pessoas próximas ou colegas de trabalho?

Orador B: Não.

Orador A: É...

Orador B: Tive pessoas próximas que perderam, mas próximos a mim mesmo, não cheguei a perder.

Orador A: É... eu queria que você me falasse um pouco sobre Caarapó. A educação em Caarapó, porque é uma... são escolas em que você tem público indígena?

Orador B: É... Bom, sobre educação em Caarapó, é, eu talvez não vou conseguir contribuir tanto. Eu trabalhei um ano, né, em 2019, um ano antes da pandemia, é, na aldeia indígena, né. E aí quando, 2020, eu trabalhei no município lá e aí no... com o processo seletivo, fui contratado nas três escolas na SED mesmo da cidade, né. E o povo indígena é bem, é, não tem tanto, assim, né. Eu por exemplo, veio à memória aqui, acho que dois ou três dessas... de todas essas turmas, de estudantes indígenas, é, enquanto que... a... é, claro que, a aldeia, né, as escolas da aldeia têm uma escola municipal de ensino fundamental e a escola do ensino médio, que é a escola de autoria, né, escola do Novo Ensino Médio, é, com certeza enfrentaram uma realidade diferente e ainda mais dura do que essa que a gente enfrentou em Caarapó, né.

Orador A: Tá. Era só pra eu saber mesmo e deixa eu perguntar, a sua escola ela possuiu grupo de WhatsApp? Possuía antes? Possuiu depois? Como o WhatsApp foi utilizado?

Orador B: Sim. É... Em todas as escolas têm, na verdade, acho que isso virou até quase que uma lei, assim né, das escolas que têm dois, um de oficial entre aspas, né, que é onde circula, é, os recados, né, e outro que é mais de descontração, assim. Nesse período foi utilizado principalmente os professores sentarem e se ajudar, um tentar ajudar o outro, né, então assim, é um grupo fechado e era assim na pandemia também. Um grupo fechado, específico pra administração, a gestão escolar e a coordenação, é, postar, né, recados e aí os professores não falam dele, né, é fechado pros professorem falarem, enquanto que o outro é livre pra todo mundo falar e aí é um grupo mais... foi, no período da pandemia, um grupo de ajuda mutua, assim né, e professores irem, é, apoiando o outro, ensinando a... eu, por exemplo, aprendi a mexer no Classroom com o apoio de colegas, assim. Nesses grupos.

Orador A: William, teve grupo com aluno?

Orador B: Sim. É... Nas três escolas que eu tava, é, tinha grupo por turma, né, assim. Então, tinha o primeiro ano A, o primeiro ano B, segundo ano A, B e todos os professores que lecionam nessa turma no grupo.

Orador A: Você se lembra quantos grupos eram?

Orador B: Era um por turma, então, eu falei acho que... eu esqueci o número, né, que eu falei.

Orador A: 12.

Orador B: 12? E era, das turmas, eram um por turma.

Orador A: Quais foram as...

Orador B: Algumas turmas eu lecionava mais de uma disciplina, né.

Orador A: Ah, tá. Por que você lecionava Sociologia e um itinerário formativo?

Orador B: Não, ainda nessas escolas ainda não tinha sido aplicada o itinerário.

Orador A: É.

Orador B: Que o novo formato, se eu não me engano, foi esse ano de 2022, né? É... eu lecionava, em uma delas, eu lecionava Filosofia e Projeto de Vida.

Orador A: Ah, tá.

Orador B: Nas outras era só Sociologia.

Orador A: É... Quais foram as estratégias utilizadas pra manter os estudantes durante o Ensino Remoto Emergencial?

Orador B: É... Bom, havia a opção dos estudantes continuarem fazendo as atividades online através dessas plataformas, a principal foi o Classroom, né, e que ali você podia colocar formulário, você podia colocar vídeos, imagens, textos e... e essa plataforma já veio pronta pra gente, né, então a gente só colocava lá a nossa disciplina e aí os professores, eles... os alunos já tinham suas contas, né, que é vinculado com o Google. E aqueles que não estavam correspondendo a isso, ia as atividades impressas, né, offline, que as pessoas costumavam falar, e... e muitos alunos, assim, houve busca ativa, mas muitos alunos não... não, a escola perdeu o contato nesse período. Muitos assim, uma minoria, mas teve alunos que a escola não conseguiu contatar.

Orador A: É... William, é, como você avalia o processo de expansão dos usos das Tecnologias de Informação e Comunicação? E especialmente das plataformas digitais na educação?

Orador B: É... Espera aí, eu não entendi muito bem. Como eu avalio a... essa...

Orador A: A utilização e a expansão, né, a utilização mais massiva na pandemia, dos usos das TIC’s, né, das Tecnologia de Informação e Comunicação, e especialmente as plataformas digitais, na educação.

Orador B: Olha, eu sou contra, assim. Eu acho, assim, que no modelo de educação, entre aspas, ideal, né, que a gente pode pensar uma escola, é, em que tem uma comunidade participando, onde aqueles problemas que assolam a sociedade, assolam as comunidades e que o estudante e o professor também carrega pra dentro da educação, impossibilitando que a gente, é, que a escola cumpra de fato o seu papel de ensinar, né, que seja de fato respeitado o direito de estudar, de ensinar e aprender, né, é, eu acredito que essas palavras, né, utilizadas pelo... pela secretaria de educação, pela... é, que tá voga agora, que tá na moda, né, a incorporação das plataformas digitais, pra mim é balela pra, é, enfim, é, servir a interesses que são totalmente contrários a esse, dessa escola ideal que a gente acredita. Nessa escola, faria sentido pensar na utilização, né, da tecnologia de informação e comunicação, pensar aí, né, o que a gente discute nas formações mesmo, né, é, das escolas, a cultura digital, como que hoje o estudante ele tá nas redes sociais, etc. e como que a escola também se utiliza disso, né. Mas eu acho que esse discurso ele vem muito com o interesse de caminhar no sentido contrário, de servir a... negar o.... principalmente, aos pobres, né, a escola pública negar o direito que se tem, é, à uma educação de qualidade, né. Aquilo que eu costumo comentar direto, assim que, antes, né, a gente fazia luta contra o ensino tecnicista, hoje, né, é, com essa... esses, todos esses discursos que estão sendo incrementados na educação, a gente na verdade vê que o ensino tecnicista pelo menos ensina, porque hoje a gente tá vendo que a educação ela, a escola pública, ela faz tudo menos ensinar, né. Então é uma avalanche contra, né, a educação, não só no sentido de corte de verbas, mas principalmente no sentido pedagógico mesmo, no sentido da concepção de educação e que pra mim, esse discurso, né, ele faz parte do incremento das plataformas digitais, faz parte desse processo. Então assim, não vejo... não tenho problema com a tecnologia, eu acho que, né, ela é útil, mais como complemento (talvez), mas hoje, é pensar isso, né, só seria possível pensar nisso numa educação onde, enfim, ela cumpra, de fato, seu papel e, porque assim, o ensino presencial, ele é extremamente, é, necessário, não tem como substituir, é ali que você aprende, ali não é só a aula em si, né, mas é um conjunto de experiências que... enfim, possibilitam, né, a educação cumprir seu papel. Só deixa eu fechar a porta aqui rapidinho.

Orador A: Deixo. Você sabe como ocorreu a parceria da Google com a SED?

Orador B: Não.

Orador A: Não sabe? Você recebeu algum tipo de formação da SED ou da Google para atuar no Ensino Remoto Emergencial?

Orador B: Não. Assim, houveram, é, ofertas, né, mas eu não participei.

Orador A: Você... Os professores tentaram criar algum tipo de organização pra formação? Para utilização das plataformas?

Orador B: Bom, o que teve foi essa ajuda mútua, né. Eu, particularmente, tenho muita dificuldade e eu aprendi com os professores, com outros professores que já tinham mais facilidade e também técnico de, né, de uma escola que... que me ajudou mais pra utilização do Classroom, né. Então, houve essa ajuda mútua, né.

Orador A: Como você avalia o trabalho desenvolvido mediado por plataformas digitais ou não?

Orador B: Teve o... cortou aí uma parte da pergunta.

Orador A: Como você avalia o trabalho desenvolvido mediado pelas plataformas digitais nesse período e aquele que não foi utilizando as plataformas digitais?

Orador B: No sentido se.... é, do...? Tá cortado.

Orador A: Como você avalia esse trabalho que aconteceu na pandemia mesmo? Dos professores, mediada por plataformas digitais ou não. Como que você avalia que foi o trabalho?

Orador B: Ah, eu acho que a palavra de ordem é essa, a gente fingiu que ia ensinar. Só isso mesmo (risos).

Orador A: Nos dois? Tanto na plataforma, quanto pelo o impresso.

Orador B: Sim. Quanto no impresso, né. E, eu acho o seguinte, que o correto seria, de fato, a atividade pedagógica complementar ser complementar, mas ela não foi, ela foi a atividade, então, ela não foi um complemento, né, tanto num, quanto no outro. Então, acho que a gente de fato não ensinou e... aí a gente tá vendo agora essa defasagem que, com recomposição de ensino e tudo mais, só que vai ser necessário muito tempo pra mudar isso.

Orador A: Quais foram as principais dificuldades encontradas pra realização do trabalho?

Orador B: É... particularmente minha, foi distribuição de tempo, né, que nem eu falei, eu tava totalmente... ao mesmo tempo que eu tava totalmente envolvido com a escola, eu não estava, porque eu não tinha essa rotina, né, e particularmente eu me vi distante do que... do propósito que eu tinha escolhido de ser professor, né, que é a sala de aula, que é o ensino presencial. Então eu tinha tido um ano, uma experiência excelente, ótima, né, no meu primeiro ano de trabalho e logo em seguida, eu encontro com a pandemia com outro... com outras dificuldades que era, mais escolas e tudo mais, então assim, eu vivi, é, totalmente num trabalho burocrático e longe daquilo que eu mais gosto é dar aula mesmo. Então isso foi a principal dificuldade que eu encontrei.

Orador A: Existe algum aspecto positivo?

Orador B: Do ensino remoto? Acho que não.

Orador A: Ensino e trabalho.

Orador B: É... bom, essa questão do tempo talvez, mas eu acho assim, que...

Orador A: Como assim essa questão do tempo?

Orador B: Essa questão de... de não cumprir definitivamente um horário, mas não é positivo porque a gente acaba toda hora, entrando serviço, né, da escola, principalmente pros alunos, né. É... eu acho que na verdade não tem nenhum aspecto positivo.

Orador A: É... E você consegue destacar pra mim, é, algum relato, alguma situação que você viveu que te marcou? Seja com estudante ou com algum colega de trabalho.

Orador B: É... Bom, o que mais me marcou foi essa... eu deixar as aulas, né, que era uma coisa que eu não queria e foi assim, uma... é, eu tava muito, muito assim, envolvido, né, com... a pandemia trouxe vários outros problemas pra gente, pra todas as pessoas, né, e comigo não foi diferente e aí eu tava envolvido com muita coisa e mais esse peso de estar no trabalho que não te agrada em nada, assim, né. Então, não foi nenhum problema específico com a gestão da escola ou com algo da escola, mas foi todo esse tudo esse conjunto de coisas, né, e que me fizeram assim, ficar prostrado, né, assim, eu não cheguei a procurar, por pouco, né, eu não cheguei a procurar tratamento específico, mas eu, por conta, eu já vi que um grande problema era como tava sendo o trabalho nesse período, né. E aí a solução foi, eu conversei com várias pessoas próximas e fui até a coordenadoria da regional, né, da SED, conversei com algumas pessoas lá e elas me indicaram que o melhor era de fato eu deixar por essa condição que eu me encontrava, deixar as aulas e do que manchar o currículo, alguma coisa do tipo, eles levaram pra esse lado. E aí, eu optei por, é, sair de duas escolas e continuar apenas em uma e que eu já tinha um pouco mais de afinidade, a dinâmica era um pouco diferente e também precisava do emprego, né, então fiquei com uma carga horária mínima, né, só pra pagar as contas mesmo e mais pra... é, poder se recuperar, assim, mentalmente, né. Eu cheguei a pensar que eu não tinha nascido pra, a gente não nasce pra nada, né, mas eu cheguei a pensar que eu era um péssimo professor e que aquilo não era pra mim e pensar em mudar de profissão. E eu ouvi relatos nesse sentido assim de, achar que tava fazendo muito pouco, de outros colegas professores também, então... Dos estudantes também são vários relatos que têm, assim né, de estudantes que, é, nesse período, é, aumentou muito a questão da crise de ansiedade, depressão, né, e eu acredito que a escola era um espaço que esses problemas apareceriam, mas seriam tratados de outras formas, né, e aí eles foram impedidos, né, de levar aquilo pro convívio social, na verdade, acabaram, acho que tanto... muitas, quase toda a sociedade, né, mas os estudantes e os professores perderam em grande parte a sua prática social e isso fez com que a gente ficasse muito mal.

Orador A: É... ficou algum resquício do trabalho remoto pro trabalho hoje presencial? Você vê algum resquício?

Orador B: Grupo de WhatsApp, é, aluno... Então assim, até essa questão do grupo do WhatsApp, é, eu queria abandonar o celular, eu queria, mas não por conta, eu queria mesmo não utilizar, não... não ter essa ferramenta, né. É... Mas acaba que, eu seria, sei lá, um extraterrestre, né, se eu não tivesse WhatsApp, se eu não tivesse outras coisas, né. E, é até uma dúvida que eu tive, né, e eu nem... fiquei até com medo de questionar a escola, como que a escola resolveria se optasse por não ter WhatsApp? Como? O quê que a escola iria fazer? Como que a escola iria se comunicar comigo? Como que ia dar recado e etc.? Porque estritamente os recados e tudo mais é via WhatsApp, né, então como que eles iam resolver esse problema? Porque eu não sou obrigada por lei a ter, né, é, o WhatsApp, né, que é inclusive é uma empresa privada, né, mas... é, assim, é uma das coisas que mais incomoda, além, não só dos grupos, né, acabam facilitando (óbvio) por um lado, mas essa confusão que existe da vida particular com a vida privada do professor, é, é muito... eu acho que é um resquício do ensino remoto. E também teve, por parte dos estudantes, é, um certo... uma acomodação, né, por... devido as atividades, é, pedagógicas, né, eles ficaram mal acostumados, assim, com... com as atividades pedagógicas e isso acaba prejudicando o nosso trabalho, porque aí... Tem até, tava terminando um AME e tinha estudante pedindo pra ter atividade, é, em casa, do tipo “Ah não, manda a atividade impressa pra mim que eu faço” e tal, estudantes que não queriam ir pra escola, que não podiam por algum motivo, estavam pedindo ensino remoto, né, então houve essa acomodação por parte de alguns que dificulta um pouco o nosso trabalho.

Orador A: Você considera, é, que as TIC’s se constituem em um avanço para a educação?

Orador B: É... É que é difícil pensar educação de um jeito geral, né, a educação como um conceito, assim... é, solto, né, eu não consigo enxergar isso, né. Eu enxergo a educação como parte de uma sociedade, como parte de um processo histórico e nesse processo histórico e nessa sociedade, eu acho que não é um avanço.

Orador A: E para o trabalho do professor?

Orador B: Em parte sim, né, é, mas eu creio que na parte, do que diz respeito à função do professor que é ensinar, né, é, a gente não tem avanço com as tecnologias de informação, né. Várias tecnologias sempre melhoram, né, qualquer... a tecnologia serve pra melhorar a vida das pessoas mesmo, é, a utilização de vídeos, né, música e aí... pesquisa, né e agora... da forma como você mostrou na pandemia, eu acho que é mais um recuo do que um avanço por assim dizer, porque o espaço, né, da sala de aula é um espaço privilegiado, né, da educação, assim, é ali que se ensina, é ali que se aprende, é ali que se estuda de fato e no máximo, a tecnologia de informação vai ser um complemento, né.

Orador A: Tem mais alguma coisa que você gostaria de falar sobre o tema?

Orador B: Eu acho que eu já falei, assim, tudo mesmo, né, com relação a esse período, né, e também a esse que abriu as portas, vamos dizer assim, pra... pros governos, né, tanto federal, quanto estadual, municipal passar, né, a pandemia permitiu que eles passassem ataques que estavam entalados ali, né, pra eles há muito tempo. Então, com a Educação Básica, né, não é diferente, acho que já vinha vindo, né, a implementação do Novo Ensino Médio, a pandemia serviu pra incorporar mais, né, e que na minha concepção, é um ataque muito grande ao direito de estudar e... porque reduz, assim, a tipicidade, né, é, modifica os currículos pra servir à interesse, né, é, que não são interesses do povo de fato, né. Assim, eu tenho pra mim que também tem um pouco essa ideia, né, um pouco difusa no geral, é que as pessoas não ligam pra educação, tipo... o povo mesmo, né, só quer que o filho estude e saia o mais rápido possível da escola e não é isso que eu vejo, né, na prática, eu acho que isso é só um discurso que é colocado pro povo e ele assume em algum momento, mas na prática, o povo não quer ter filho burro, burro no sentido de... o povo quer ter filho que conhece, que sabe, que tem acesso aos conhecimentos que a humanidade sistematizou, né, e que isso é Ciência, Ciência é uma coisa que existe, né, ciência é concreta, é algo real, né, a Sociologia é real, a Filosofia, a Matemática, a Biologia, todas as ciências são reais e o povo merece conhecer isso, né. Então, é, acabou que abriu mais o fosso das escolas públicas pras particulares, né, e o fosso entre o ensino do povo pobre pro povo mais abastado, né, porque esses continuaram estudando, né, esses não ficaram nas APC’s, eles tiveram ensino de verdade, né, enquanto que o povo, né, os filhos dos trabalhadores não, só continuam sofrendo cada vez mais. Eu não sei se cabe, acho que talvez caiba aqui, né, é, numa entrevista, que eu faço parte de um projeto, né, vinculado aos movimentos populares, é, de fazer, organizar estudantes, né, da universidade e de professoras pra fazer reforço, principalmente pras crianças mais novas, a gente ainda não consegue colocar isso em prática com os mais velhos, mas principalmente aquelas crianças em idade de alfabetização, a gente tem feito esse reforço numa... num bairro periférico, né, aqui de Dourados, agora eu tô em Dourados, né, é, e isso tem mostrado não só a defasagem, né, que a pandemia gerou, né, é, porque assim, imagina a criança sendo alfabetizada, a gente tá tendo em conta o ensino médio, mas imagina a criança sendo alfabetizada, né, os pais que nem eles são alfabetizados, tiveram que fazer isso, né, então, a maioria na verdade ainda não foi alfabetizado, ainda não foi alfabetizado, então... e a escola segue o trator, né, agora tem recomposição de ensino e etc., mas isso não resolve o problema, é, na minha opinião deveria ser paralisado naquele período e retornado, né, as aulas quando fosse possível. Inclusive, houve uma demora muito grande também, é, em relação ao retorno, né, a escola (principalmente as escolas de periferia) elas não só poderiam como deveriam ter retornado antes, né, utilizando os métodos, né, que já haviam sido comprovados, né, que impediam, né, o aumento do contágio, mas esse projeto ele... ele, acho que tá ligado na entrevista no sentido que ele demonstra a defasagem que a pandemia gerou, mas também demonstra o compromisso de estudantes, professores, né, em ir lá e se dispor pra fazer esse reforço e também ao interesse das famílias, né, no caso desse bairro é uma ocupação urbana, né, de enfim, de ver seus filhos aprendendo de fato, né, e gera resultados, porque teve mãe que falou assim que falou que o filho só passou de ano porque tava no reforço com a gente, né. Então, acho que iniciativas como essa devem ser, é, incentivadas pensando que o Estado não tá nem aí pra esses interesses, né, do povo de fato, aprender. Acho que é isso.

Orador A: Vou encerrar a entrevista, tá?

**Fim da Transcrição [00:32:51]**